



A dicção israelo-palestina em dois poemas de Dahlia Ravikovitch

The Israelopalestine Diction in Two Poems by Dahlia Ravikovitch

Jorge Alves Santana*

Universidade Federal de Goiás (UFG) | Goiânia, Brasil

jorgeufg@bol.com.br

Resumo: O que é necessário para se ver através de uma janela aparentemente limitada e limitadora? A poetisa israelense Dahlia Ravikovitch nos oferece, por intermédio de seu instrumental poético, suas vivências psicossociais no âmbito discursivo e poético sobre as relações israelo-palestinas, que ocorrem em crônicos enfrentamentos pessoais, culturais e políticos que atravessam milênios. Situações essas que se agravam no século XX e XXI. Este artigo, neste contexto estético-social, analisará dois poemas dessa artista ativista contemporânea que são: *The Tale of the Arab Who Died by Fire* e *A Baby Can't Be Killed Twice*. Poemas que tratam, no âmbito da metáfora viva, da literatura menor, de máquinas de guerra e da mobilidade nômade dos posicionamentos dialéticos do campo ético e estético de representativos israelenses frente a diálogos possíveis com a sociedade palestina que lhes hibridiza dialeticamente aspectos identitários.

Palavras-chave: Dahlia Ravikovitch. Poesia. Multiculturas.

Abstract: What is necessary to see through a seemingly limited and limiting window? The Israeli poet Dahlia Ravikovitch offers us, through her poetic instruments, her discursive and poetic experiences on Israeli-Palestinian relations in chronic personal, cultural and political confrontations through thousands of years, worsening in the 20th and 21st centuries. This study, in this aesthetic-social context will analyze two poems of this activist artist that are: "The Tale of the Arab Who Died by Fire" and "The Baby Can not Be Killed Twice". Poems that deal with the ethical and aesthetic positioning of a large Israeli social segment in the framework of the living metaphor and of the minor literature in the face of possible dialogues with Palestinian society that hybridizes identity aspects.

Keywords: Dahlia Ravikovitch. Poetry. Multicultures.

*Now I write and pause,
to think,*

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).



many sheets of paper got stuck in my throat.

(Dahlia Ravikovitch)

Problema das minorias. Problema de uma literatura menor, mas também de nós todos: como é que se extrai da sua própria língua uma literatura menor, capaz de pensar a linguagem e fazê-la tecer conforme uma linha revolucionária.

(Gilles Deleuze e Félix Guattari)

Introdução

Dahlia Ravikovitch,¹ escritora israelense contemporânea, possui uma obra poética de vários espectros temáticos. Entre eles, destacamos aqui os pertinentes ao seu ativismo quanto aos movimentos pacifistas entre israelenses e palestinos.² Nessa frente de ação literária prática, pois de intervenção política e sociocultural, verticalizaremos dois poemas para análise: “The Tale of the Arab Who Died by Fire” and “The Baby Can not Be Killed Twice”. A leitura desses poemas será transversalizada por outros dois “menores” que são “Omens” e “Window”.

¹ À respeito da vida, obra e fortuna crítica de Dahlia Ravikovitch: COHEN (2018); SANTANA (2016); RATTOK (2016); SZOBEL (2013a; 2013b); BLOCH; KRONFELD (2008); KAUFMAN (1999); e MAZOR (1984).

² Para maiores desdobramentos críticoteóricos sobre a questão israelopalestina, sobretudo, no campo dos estudos culturais, queira acompanhar: IF AMERICANS KNEW (2018); SANTANA (2015; 2017; 2017a); ROSENTHAL; SANTANA (2017); SANTANA; SANTOS (2016a) e DOMINGUES (2010). Pela necessidade de um contexto dialógico crítico, também seguimos, de modo um tanto assistemático, as reflexões e os ativismos de escritores e pensadores palestinos, em viés pacifista e dialógico, semelhante ao de Ravikovitch, que laboram em prol de possíveis e sistemáticas negociações entre os dois povos. Pelo reconhecimento internacional, destacamos as pesquisas e ativismos de Edward Said (2007; 2000). Em campo semelhante, para esses diálogos interculturais, literários e políticos, queira ver, entre outros, ABUNIMAH (2006), DAWWISH (2002), Palestinian Centre for Policy and Survey Research - PCPSR- (2011).



Nossa percepção objetiva e sensibilidade poética serão lastreadas pelas reflexões sobre a literatura menor, a máquina de guerra e as mobilidades nômades, por intermédio do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e por aspectos da metáfora viva, de Paul Ricoeur. Também refletiremos sobre aspectos do campo ético e moral em tempos contemporâneos de transformações intensas de valores, crenças e de comportamentos heterogêneos e variados.

Para nos aproximarmos da sensibilidade dialógica e da noção de alteridade dessa escritora, iniciamos esse estudo com um de seus poemas exemplares. Trata-se de “Omens”:

When the glass drops

a splinter shoots,
and a piece of paper slips,
and something shifts or stirs,
and something splits from the proper frames —
one must always be on guard.

Now I write and pause,
to think,
many sheets of paper got stuck in my throat.
I, if I may say so, am no longer I.
I’m split, wasting fast.
A quiver in the air. The mould is missing.
Perhaps it is I who’s dropping quickly.

And I refuse to believe it.
I simply refuse to see.³

Acontecimentos cotidianos – o copo de vidro que cai, um papel que escorrega, algo que se mexe – são experiências que acionam o gatilho da mobilidade discursiva do eu lírico. Esse contexto se alia à percepção de realidades próximas, ao mesmo tempo que dispara, também, a força da imaginação poética que aliará dados da realidade pragmática àquelas dimensões metafóricas da linguagem poética.

A aparente insignificância de referenciais aparentemente banais desperta essa voz, fazendo-a volver sobre si mesma e, de modo metalinguístico, questionar a funcionalidade do discurso diante de presságios de realidades que a chamam para posições que estão fora do padrão das ações tomadas até então. Ou de outra forma, parece-nos que a escritora é instada a se debater sobre ações

³ KELLER, 2008.



práticas no campo pessoal/familiar em confronto/diálogo com aquelas pertinentes ao campo social maior no qual ela está inserida/incerta.

Dessa forma, Dahlia Ravikovitch não se furtará em assumir uma dicção poética provocadora tanto pra si mesma, quanto para sua comunidade israelense, pois desta sociedade ela, de modo relativo, afastar-se-á para efetivar aquela salutar mobilidade multicultural que a colocará no centro de violências de várias naturezas impostas ao povo palestino. Sua dicção, então, será semelhante àquela da literatura menor, da qual nos fala Deleuze e Gattari. Também será uma dicção metafórica denegativa quando ela assegura que se recusa a acreditar e a ver tantos temas que serão sistematicamente tratados em seu paradigma estético e ético. Aqui, pois, trataremos particularmente de aspectos dessa dicção poética quando aborda o tema das tensas e animosas relações israelopalestino, nos dois poemas citados, cujos indícios estão tramados na maior parte de seus trabalhos literários repletos de engajamentos culturais e sociopolíticos.

1 Da janela de nossas casas somos capazes de ver além?

Ravikovitch possui uma biografia singular também devido à mobilidade geopolítica de sua vivência pessoal e familiar nos entre-lugares. De parte da infância vivida no kibutz⁴ de Ramat Gan, nos subúrbios de Tel Aviv-Yafo, ela vai para o centro dessa cidade cosmopolita para, em seguida, estudar e pesquisar assuntos das artes, das ciências humanas e sociais em Jerusalém. Sua base de ação será Tel Aviv-Yafo, cidade compóstica de palestinos e de

⁴ É importante ressaltarmos esse espaço de base para a educação de Ravikovitch, que foi um kibutz existente desde a função do estado israelense. Disso temos que sua personalidade inquieta e avessa às normalizações sociopolíticas restritivas e conservadoras é um dos marcadores culturais preponderantes em sua obra. Bem sabemos o papel que este dispositivo político do kibutz desempenhou na formação do estado de Israel contemporâneo, a partir de 1948. Ou seja, seus valores, crenças e comportamentos formaram aquelas bases para a população israelense se fixar, de modo concentrado e cooperativo, em uma região que muitas destas pessoas sequer conheciam de modo pragmático, antes da criação um tanto arbitrária deste estado. O kibutz, em perspectiva crítica, traduz então uma frente do conservadorismo cultural que pode criar, manter e disseminar um horizonte existencial reacionário perante necessidades prementes de integração com populações vizinhas e afins, como são as palestinas. No entanto, atualmente esse “kibutismo” vem perdendo seu espaço prático e ideológico com a consolidação das grandes cidades deste estado híbrido que é o israelopalestino. Para mais detalhes sobre o fenômeno do kibutz, queira ver LAQUEUR (1972), RAYMAN (1981) e SEGEV (2000).



israelenses, na qual abrirá variadas janelas para as demais culturas vizinhas e da aldeia global, seja lendo/estudando literaturas de vários outros idiomas, seja traduzindo obras literárias e afins, principalmente, as das culturas inglesas. Assim, percebemos seu comportamento profissional e pessoal sendo moldado por uma intensa atuação transcultural.

No entanto, em parte de sua obra, percebemos que ela expressa certa sensação de fixidez psicossocial em um *socius* que parece lhe ser adverso, tanto do ponto de vista subjetivo, quanto daquele de seus relações interpessoais no seio da híbrida sociedade israelense. Vejamos parte dessa insatisfação em seu poema “Window”:

What have I ever done?
For years I did nothing.
Only looked through the window.
Rain drops were absorbed into the grass,
Years after years.
It was soft and opulent grass.
Blackbirds stepped there.
Later strings of tiny flowers bloomed
surely in the spring.
Later tulips,
English daffodils,
Snapdragons
nothing special.
I did nothing.
Winter and summer flipped over inside the grass.
I slept as much as possible.
It was a big enough window
All that was needed
I saw through the window⁵

Pergunta e resposta lancinante iniciam este poema exemplar: “What have I ever done?/ For years I did nothing. Only looked through the window.” Imediatamente, evoca-se os variados biografemas que entram nas intrincadas composições literárias da escritora. Sabemos que ela realmente teve uma série de dramas pessoais e familiares que a impediam de ter acesso físico a muitos contextos de sua sociedade. Dessa forma, há uma espécie de balanço de vida que encaminha a voz poética para certo descontentamento perante a necessidade que sente em relação a intervenções nessa sociedade que a chama para a ação de seu *Hic et nunc* psicossocial.

⁵ RAVIKOVITCH, 1989.



Anos após anos, essa voz se percebe interrompida, observando aparentemente inativa a realidade de fora que seria filtrada pelos limites da janela. No entanto, esta metáfora viva, pois de invenção estética com enraizamento na realidade concreta,⁶ do entrelugar entre o mundo interno e o externo, é performada com a hipótese de que essa condição fora necessária para a instrumentalização de perceptos, afetos e racionalidades capazes de compreender e interagir com os temas precisos daquelas realidades.

Desses temas, um se destacará. É aquele que trata das relações bélicas entre israelenses e palestinos; sendo que esses últimos serão experimentados/representados a partir da empatia e do dialogismo crítico que são típicos de sua literatura menor,⁷ cuja engrenagem funciona no sentido de

⁶ Paul Ricoeur em seu alentado estudo sobre a metáfora, ensina-nos que tal dispositivo discursivo nos representa o factível de certas realidades, que é acrescido de camadas semânticas de conformação multidimensional. No primeiro caso, teríamos textualidades predominantemente referenciais de determinado *mainstream* representacional, enquanto que no segundo, teríamos textualidades com representações e expressividades de universos ontologicamente diversos e variados que apresentam assimétricas relações semânticas e convivenciais com a realidade consensual. Estas seriam as tais metáforas de invenção, capazes de modificar a percepção que temos desta realidade consensual, bem como de mudá-la para outros parâmetros e natureza. Para ele: "O que é dito das metáforas de invenção confirma o parentesco do tropo com o acontecimento da fala. Se a distinção livre-forçado afeta o uso, todo uso tende a tornar-se habitual e a metáfora tende a reunir-se à catacrese; continua a ser uma figura porque não serve para preencher uma ausência de signos, mas tem curso forçado e, neste sentido, pode ser dito que está "no fundo da língua". (RICOEUR, 2000, p. 103-104). Estar nesse fundo da língua possibilita que tal figura reconfigure e transforme os usos cotidianos e conservadores do dispositivos discursivos. Parece-nos que isso é o que ocorre com a metáforas, por vezes contraditórias e denegativas, que a escritora usa nesse poema e em tantos outros.

⁷ Por literatura menor, temos que, na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tal literatura não se trata de uma literatura inferior àquela canônica. Ao contrário, trata-se de uma literatura poderosa no sentido de conseguir se estabelecer como arma de combate em relação às formações discursivas majoritárias e autoritárias, no ponto de vista politicocultural. É, pois uma literatura de resistência a regimes autoritários. Para os autores, que utilizam a literatura de Franz Kafka como ponto de partida para estas reflexões, uma literatura menor teria as seguintes características: a. ser uma literatura de



observar, vivenciar e sistematizar, via discurso literário, os excessos de autoritarismos presentes nas relações israelopalestinas. Nesse contexto, acompanharemos as metáforas vivas de um árabe que morre ao ter seu corpo queimado e de crianças palestinas e demais pessoas exterminadas em um campo de refugiados no Líbano.

2 O fogo que queima o árabe também queima nossos corpos

No poema *The Tale of the Arab Who Died by Fire*, Ravikovitch nos dará sua dimensão ativista em prol de plataformas pacifistas de modo intenso e corajoso. Um quadro trágico é marcado de forma filigranada na situação de um árabe morrendo queimado. Sem indicar e/ou judicar as causas que fomentaram tais sofrimentos, o poema nos aprisiona em um dos acontecimentos que são rotineiros nos confrontos israelopalestinos, apesar de sua selvageria e brutalidade. Vejamos o poema:

When the fire grabbed his body, it didn't happen by
degrees.

There was no burst of heat before,
or giant wave of smothering smoke
and the feeling of a spare room one wants to escape to.

The fire held him at once
— there are no metaphors for this —
it peeled off his clothes
cleaved to his flesh.

The skin nerves were the first to be touched

The hair was consumed.

"God! They are burning!" he shouted.

And that is all he could do in self-defense.

The flesh was already burning between the shack's boards
that fed the fire in the first stage.

resistência, dando voz a segmentos sociais em condição de submissão forçada; b. tudo nessa literatura é político; ou seja, seu caráter é coletivo, visando atingir transformações de ordem social; c. é uma literatura de cunho coletivo, pois expressa as ambições revolucionárias coletivas e não apenas aquelas oriundas de vontades individuais. Por fim, para os autores: "Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afectada por um forte coeficiente de desterritorialização." (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38).



There was already no consciousness in him.
The fire burning his flesh
numbed his sense of future
and the memories of his family
and he had no more ties to his childhood
and he didn't ask for revenge, salvation,
or to see the dawn of the next day.
He just wanted to stop burning.

But his body supported the conflagration
and he was as if bound and fettered,
and of that too he did not think.
And he continued to burn by the power of his body
made of hair and wax and tendons.
And he burned a long time.
And from his throat inhuman voices issued
for many of his human functions had already ceased,
except for the pain the nerves transmitted
in electric impulses
to the pain center in the brain,
and that didn't last longer than a day.
And it was good that his soul was freed that day
because he deserved to rest.⁸

Das ocorrências bélicas mais marcantes nos conflitos israelopalestinos, a morte pelo fogo se destaca. Suas formas são variáveis: alvos de bombas; auto-explosões, autoimolações, incêndios químicos, imolação em fogueiras, entre tantas outras formas do terror se instalar. Corpos de pessoas tidas como estranhas e inimigas são queimadas para que se fique livre de supostos riscos à ordem estabelecida. Se tal fato ocorre vitimando os dois lados, Ravikovitch destaca e prioriza o lado palestino, no qual as pessoas são vitimadas ou se fazem vítimas com maior sistematicidade.

O poema nos apresenta uma descrição gradativa do horror de um árabe morrendo ao se queimar. A gradação do horror nos lembra de relatos periciais de *causa mortis*. Detalhes do fogo queimando o corpo do homem são minuciosos a ponto de nos colocar imersos naquele espaço catártico no qual nos sentimos compadecidos com a desgraça que ocorre com o árabe e, ao mesmo tempo, temerosos de que aquilo possa ocorrer conosco. Ou seja, o poema nos remente à

⁸ RAVIKOVITCH, 2009.



dinâmica das tragédias antigas, caso nossas sociedades tivessem ainda a mesma estrutura daquelas.

A voz poética, de natureza israelense em sua compleição cotidiana, expressa-nos sua postura em relação ao árabe que padece por um dia inteiro. Para ela: “And it was good that his soul was freed that day because he deserved to rest.” Piedade e terror marcam, pois, o espectro da metáfora viva que perfaz esse poema. Há, nesse discurso poemático um *ethos* metafórico capaz de ligar a referencialidade histórica de um contexto crônico de violências aos mundos imaginados e desejados de uma realidade ainda utópica que insiste em escorrer para uma realidade com ares densamente distópicos.

A evidência das descrições e demonstrações de reações contrárias, por parte da voz discursiva, parece nos encaminhar para a inelutável facticidade da morte violenta pelo fogo. Não caberia aí, pois, pensarmos no clássico dispositivo do discurso metafórico, capazes de nos fazer afastar das realidades mais sensíveis e inteligíveis. No entanto, quando sabemos das particularidades de cada um dos universos culturais em franco diálogo que é criado pelo poema, podemos perceber a variedade de possíveis sentidos aí presentes.

Um árabe morre queimado. Um árabe, como e entre tanto outros árabes, morre queimado. As origens da tragédia especificadas são incertas, pois de ocorrência demasiada a ponto de que sejam silenciadas e invisibilizadas. Autoimolação, ato terrorista, alvo de ataques do opositor? Temos tantas causalidades para o fato e o poema não nos oferece nenhuma causa pontual. Nesse ponto é que notamos o poder da metáfora viva que nos remete à natureza multicausal e multidimensional da barbárie. Nessa dinâmica, o processo de catarse é libertador e paidêutico no sentido transcultural, pois irmana israelenses a árabes na piedade e no terror, pois sabem que tais tragédias podem acontecer em qualquer lado da contenda.

3 Matamos infinitas vezes aqueles que transformamos em estranhos

O segundo poema de Ravikovitch é “A Baby Can't Be Killed Twice”. Sua atmosfera referencial é mais acentuada, pois trata de um fato histórico que, anda hoje, é contundente na memória de israelenses e, sobretudo, na de palestinos. O fato trata do massacre de Sabra e Chatila,⁹ ocorrido nos campos de refugiados palestinos no Líbano, entre 16 e 18 de setembro de 1982. O assassinato é perpetrado pela milícia maronita com anuência, segundo anais da

⁹ SARACK, 2018 e COBBAN, 1984.



História, do exército de Israel. De modo estimativo, foram assassinadas de centenas a milhares de refugiados palestinos pertencentes a variadas faixa etárias e gênero.

O poema de Ravikovitch destaca o assassinato de crianças. O epítome das vítimas é um bebê que, segundo a voz poética, não deveria ser morto pela segunda vez. Vejamos o poema:

On the sewage puddles of Sabra and Shatila
there you transferred masses of human beings
worthy of respect
from the world of the living to the world of the dead.
Night after night.
First they shot
then they hung
and finally slaughtered with knives.
Terrified women rushed up
from over the dust hills:
"There they slaughter us
in Shatila."
A narrow tail of the new moon hung
above the camps.
Our soldiers illuminated the place with flares
like daylight.
"Back to the camps, March!" the soldier commanded
the screaming women of Sabra and Shatila

He had orders to follow,
And the children were already laid in the puddles of
waste,
their mouths open,
at rest.
No one will harm them.
A baby can't be killed twice.
And the tail of the moon filled out
until it turned into a loaf of whole gold.
Our dear sweet soldiers,
asked nothing for themselves—
how strong was their hunger
to return home in peace.¹⁰

¹⁰ RAVIKOVITCH, 2009.



A dicção poemática é daquelas típicas da literatura menor, da qual já tratamos. Seu caráter é de resistência, pois se insurgir contra políticas públicas de exclusão que foram tomadas pelo governo israelense em resposta aos atos terroristas de determinados grupos palestinos. É em grande medida ao prêmio da época que a voz poética se dirige afirmando sua perplexidade e desacordo com a monstruosa medida tomada para dizimar um grupo de pessoas que já estavam em condições de crônica vulnerabilidade.

A afirmação de que não se pode matar duas vezes um bebê nos alerta para o fato de que uma morte já fora feita. Daí se pensa nos palestinos assassinados em Sabra e Chatila, por serem vítimas do expurgo por parte de certas plataformas políticas israelenses, e não por toda a comunidade israelense, já foram mortos uma primeira vez. Essa segunda morte corresponderia ou ao nomadismo forçado ou à própria morte física que ocorre com esse bebê simbólico e com outras centenas ou milhares de palestinos.

Nesse novo contexto de tragédia, a voz poética destaca a presença da Lua como um ente a iluminar e prantear os assassinatos cometidos nesse indefeso campo de refugiados, quebrando-se todos os protocolos dos direitos humanos. Assim, a metáfora inventiva e vívida escorre por múltiplas dimensões de realidades densamente palpáveis e deslocamentos para mundos possíveis, nos quais possa haver possibilidades de se reverter o belicismo que exclui a coexistencialidade de povos historicamente hibridizados.

A ironia dos versos finais “Our dear sweet soldiers,/ asked nothing for themselves—/ how strong was their hunger/ to return home in peace” também nos alerta de modo propedêutico a respeito dos modos de percebemos nossos padrões éticos e morais. Em um contexto homogêneo de valores patriotas, por exemplo, tal admoestação sequer seria feita. No entanto, em sociedades que lutam por princípios democráticos que realmente tenham caráter de política inclusiva, pois empático e humanitário, este dispositivo discursivo também possui a função de recolocar em novas ordens os sentidos da ética e da moral.¹¹

¹¹ Para esta plasticidade, mobilidade e transformações de princípios éticos e valores morais na contemporaneidade, acompanhamos as reflexões de Zygmunt Bauman. Para ele: “A verdade provável é que escolhas morais sejam de fato escolhas, e dilemas sejam de fato dilemas, e não os efeitos temporais e corrigíveis da fraqueza, ignorância ou estupidez humanas. Os temas não têm soluções predeterminadas nem as encruzilhadas direções intrinsecamente preferenciais. Não há princípios fixos que se possam aprender, memorizar e desenvolver para escapar de situações sem bom resultado e poupar-se do amargo gosto posterior (chame-o de escrupulos, culpa, ou pecado) que vêm sem pedir na esteira das decisões tomadas ou realizadas. A realidade humana é



Esses princípios não são mais de cunho genérico, universais e dados de modo apriorístico. São, ao contrário, conformados nos embates reais e contingenciais, nos quais a justiça deveria/poderia ser efetivada de modo negociado para que se atinja os variados, diferentes e conectados grupos humanos.

Por fim, outro aspecto que se destaca na galáxia polifônica deste poema é a capacidade de mobilidade psicossocial¹² da voz poética. Percebemos que essa voz possui a coragem de sair dos territórios geoexistenciais da oficialidade israelense para sobrevoar os campos de refugiados palestinos no Líbano. Aliás, ela, mais que sobrevoar este *locus* de terror, imerge nesse espaço e participa do assassinato, como que penetrando e fazendo parte dos corpos dos que são mortos. Da relativa tranquilidade das modernas cidades israelenses, repletas de bem-estar coletivo, esta voz poética resiste ao *status quo* um tanto artificial e se encaminha para os campos da morte, onde pensa poder reverter o maquinário sociopolítico da exclusão crônica. Há, pois, formas de morrermos duas ou infinitas vezes nos corpos daqueles com os quais temos empatia humanitária e, sobretudo, política.

Considerações finais

Concluimos este breve artigo retomando os últimos versos do poema *Window*, de Dahlia Ravikovitch: "It was a big enough window/ All that was needed/ I saw through the window." Sua importância assenta-se no peso que possuem alguns dispositivos do discurso poético que a escritora articula nos dois poemas aqui referidos. Isso demonstra que apesar da denegação quanto aos limites

confusa e ambígua. São também as decisões morais, diversamente dos princípios filosóficos e abstratos, obviamente. Nesse tipo de mundo que devemos viver; e todavia, como que desafiando os filósofos angustiados que não conseguem conceber moralidade "sem princípios", moralidade sem fundamentações, demonstramos dia a dia que podemos viver, ou aprender a viver, ou tentar viver num mundo desse tipo, embora poucos de nós estejamos preparados para expressar, no caso de sermos interrogados, quais seriam os princípios que nos guiam, e ainda menos tenham ouvido falar das "fundamentações" que, como se supõe, não poderíamos dispensar para ser bons e gentis em nossas relações recíprocas". (BAUMAN, 1997, p. 41).

¹² Por mobilidades psicossocial e política, acompanhamos a reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu "Tratado de nomadologia: a máquina de guerra" (1997); e também aquelas de Marc Augé (2010). Os primeiros tratam dos enfrentamentos transversais entre grupos de resistência psicossocial em relação a governos centralizadores e autoritários. O segundo trata de mobilidades psicossociais em dimensões geopolíticas de cidades contemporâneas em disposição globalizada.



espaciais físicos, nossas mobilidades sensoriais, emotivas e intelectivas são capazes de quebrar tais bloqueios, principalmente quando fazemos uso de dispositivos discursivos transformadores de realidades limitadoras e reacionárias; discursos esses como os de natureza artística.

The Tale of the Arab Who Died by Fire e *A Baby Can't Be Killed Twice*, além de nos reeducar a sensibilidade estética e ética, confirma-nos o poder político que a literatura menor ocasiona em nossas relações psicossociais. De cunho resistente, coletivo e sempre político, esses poemas funcionam como dispositivos de reconstrução de novas ordens de relações entre os povos israelenses e palestinos. Mais do que a contínua construção de sujeitos como entidades estranhas para fatais destruições, Ravikovitch aposta no reconhecimento das transversalidades ontológicas que baseiam a existências dessas duas sociedades produzidas de modo concomitante no decorrer de milênios.

Vimos também que as mobilidades geográficas e psicossociais contemporâneas podem funcionar como relevantes mecanismos de aproximação de contextos coexistenciais diversos e diferentes. Tal maleabilidade pode fomentar comportamentos empáticos e, conseqüentemente, respeitosos para a dimensão de alteridade em franca condição de sofrimento e com riscos assustadoramente concretos de exclusão.

Por fim, percebemos como a posição e a disposição de coexistência subjetiva, presentes nesses poemas e nos demais textos dessa escritora ativista, estão organicamente vinculadas aos acontecimentos coletivos de sua época. Se, de início, ela considera sua condição como presa ao espaço exclusivo de sua casa/vida próprias e que só poderia ver o vasto mundo exterior pela sua limitada/limitadora janela, temos que, ao cabo, seus perceptos, afetos e intelecções voam para distâncias infinitas. Distâncias nas quais seus processos de subjetivações ocorrem no encontros com alteridades, por exemplo as palestinas vulneráveis, que lhe serão complementares. Resta, ainda perguntar se há, dialeticamente, essa empatia já disseminada em/por escritores palestinos em relação aos israelenses, como as posturas culturais e político-sociais expressas e reconhecidas internacionalmente pela conduta crítica, dialógica e pacifista do, por exemplo, pensador e ativista da estirpe de um Edward Said.

Referências

ABUNIMAH, Ali. *One Country: A Bold Proposal to End the Israeli-Palestinian Impasse*. London: Metropolitan Books, 2006.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida. Maceió: EDLTFAL/UNESP, 2010.



BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-Moderna*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BLOCH, Chana; KRONFELD, Chana. Dahlia Ravikovitch: An Introduction. *Prooftexts*, v. 28, n. 3, Fall 2008.

COBBAN, Helena. *The Palestinian Liberation Organization: people, power, and politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

COHEN, Zafira Lidovsky. *Dahlia Ravikovitch. Jewish Women's Archive: Sharing Stories, Inspiring Change*. Disponível em: <<https://jwa.org/blog/sharing-stories-inspiring-change>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

DARWISH, Mahmoud. *O jardim adormecido e outros poemas*. Seleção e tradução de Albano Martins. Porto: Campo das Letras, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOMINGUES, José Maurício. A sociologia israelense e a crise do consenso sionista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 73, jun. 2010.

IF AMERICANS KNEW. *A Synopsis of The Israel/ Palestine Conflict*. Disponível em: <ifamericaknew.org/history/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

KAUFMAN, Shirley; HASAN-ROKEM, Galit; HESS, Tamar S. *Hebrew Feminist Poems*. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 1999.

KELLER, Tsipi (Org.). *Poets on the Edge: An Anthology of Contemporary Hebrew Poetry*. New Yourk: Suny Press, 2008.

KELLER, Tsipi (Org.). *Hovering at a Low Altitude: The Collected Poetry of Dahlia Ravikovitch*. Disponível em: <<https://www.wordswithoutborders.org/book-review/hovering-at-a-low-altitude-the-collected-poetry-of-dahlia-ravikovitch>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

LAQUEUR, Walter. *A History of Zionism*. New York: MJF Books, 1972.

MAZOR, Yair. Besieged Feminism: Contradictory Rhetorical Themes in the Poetry of Daliah Rabikovitch. *World Literature Today*. Varia Issue, v. 58, n. 3, Summer, 1984.

PALESTINIAN CENTRE FOR POLICY AND SURVEY RESERCH (PCPSR). Full Analysis, Palestinian. Public Opinion. *Poll*, n. 39, Ramallah, 10 April de 2011. Disponível em: <<http://www.pcpsr.org/survey/polls/2011/p39efull.html>> Acesso em: 16 abr. 2018.

RAYMAN, Paula. *The Kibbutz Community and Nation Building*. Princeton University Press, 1981.



RATTOK, Lily. *Israeli Women's Writing in Hebrew: 1948-2004*. Disponível em: <<https://jwa.org/encyclopedia/article/israeli-womens-writing-in-hebrew-1948-2004>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

RAVIKOVITCH, Dahlia. *Hovering at a Low Altitude: The Collected Poetry of Dahlia Ravikovitch*. Translated by Chana Bloch and Chana Kronfeld. New York: Norton & Company, 2009.

RAVIKOVITCH, Dahlia. *The window: New and Selected Poems*. Translated in Translated and Edited by Chana Bloch & Ariel Bloch. New York: Sheep Meadow Press, 1989.

RAVIKOVITCH, Dahlia. *A Dress of Fire*. Translated Chana Bloch. New York: Sheep Meadow Press/ Columbia University Translation Center, 1978.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ROSENTHAL, Benjamim, SANTANA, Jorge Alves. Rua Prinsengracht, 263: rostidade e espaço nas realidades possíveis em *O diário de Anne Frank*. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 39, n. 1, p. 71-80, jan.-mar., 2017.

SAID, Edward. *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. *End of the Peace Process: Oslo and After*. New York: Pantheon Books, 2000.

SANTANA, Jorge Alves. Aspectos intergeracionais da família marrana e o caso dos "abafadores" no conto "Alma-Grande", de Miguel Torga. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 192-208, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/9743/1>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SANTANA, Jorge Alves. Então, de onde vem a força que os faz continuar correndo? Condições diaspóricas e rostidades olímpicas em *Chariots of fire*, de Hugh Hudson. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 231-250, 2016.

SANTANA, Jorge Alves; SANTOS, Leila Borges Dias. Tempos sombrios e mobilidades luminosas: a poesia de baixa altitude de Dahlia Ravikovitch. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 134-148, maio 2016a. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/10609>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SANTANA, Jorge Alves. Mixofilia e mixofobia entre judeus e palestinos em *A bolha*. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo



Horizonte, v. 11, n. 20, p. 147-170, maio 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/11755/pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018. [2017b\]

SANTANA, Jorge Alves. Quando o Kadish é para nossos filhos e para os filhos dos outros: estratégias socioculturais do Sonderkommando em Saul fia/ Filho de Saul, de László Nemes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 106-126, nov. 2017a. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/12565/pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SARACK, Caio. *O massacre de Sabra e Chatila, 30 anos depois*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/O-massacre-de-Sabra-e-Chatila-30-anos-depois/6/25845>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SEGEV, Tom. *One Palestine, Complete: Jews and Arabs under the British Mandate*. New York: Metropolitan Books, 2000.

SZOBEL, Ilana. *The Work of Dahlia Ravikovitch: A Poetics of Trauma*. Waltham, Massachusetts: Brandeis University Press, 2013a.

SZOBEL, Ilana. Unveiling Injustice: Dahlia Ravikovitch's Poetry of Witness". In: HARRIS, Rachel S. *Narratives of Dissent: War in Contemporary Israeli Arts and Culture*. Detroit: Wayne State University Press, 2013b.

Recebido em: 30/03/2018.

Aprovado em: 30/04/2018.